

ESTUDOS CRÍTICOS

O REAL E O MATERIAL NA TEORIA MARXISTA*

André Dartigues

Identificar o real ao material é próprio de todo materialismo; assim não é de se estranhar que, em sua vontade materialista, o marxismo retome à sua conta fórmulas já feitas. Assim Engels repete Feuerbach: "A natureza é a única realidade... Excetuando a natureza e os homens não há nada e os seres superiores criados pela nossa imaginação religiosa são apenas reflexo fantástico (fantasioso) de nosso próprio ser."¹ Notar-se-á, sem dúvida, que se temos aqui uma profissão de fé materialista, não se trata exatamente de matéria, mas sim de natureza em sentido amplo, cabendo deste modo a indagação de se não se está em um círculo remetendo da natureza à realidade quando esta não se define senão como natureza. Que a palavra entre na roda esta cresce sem deixar de girar uma vez que matéria significa tanto natureza como realidade.² Acontece que a afirmação materialista, creditada aqui por Engels ao marxismo, preocupa-se menos em definir o que ela entende por realidade (ou por natureza ou matéria) do que em rejeitar esta região do ser que tradicionalmente se denomina espiritual ou transcendente. Portanto a identificação do real e do material não se dará através de uma evidenciação positiva de sua comunidade de essência, mas pela exclusão a-priorista da dimensão de realidade que colocaria em questão esta essência comum.

Ademais, podemos notar que a afirmação: "a natureza é a única realidade", e outras semelhantes, não recebem pela sua transplantação no marxismo, grande originalidade de conteúdo, e sim uma nova maneira de ser **mantidas**, no sentido em que se mantém tensa uma mola que espontaneamente se distende, ou aberto um livro que espontaneamente se fecha. A afirmação materialista é decisão e vontade — dissemos profissão de fé — e não simples enunciado de uma evidência. Ela é tão pouco evidente e tão pouco clara que é sempre apresentada no marxismo em termos de revolução e de transformação radical, termos que conotam a intensidade da tensão e do esforço que o comandam. É este caráter ao mesmo tempo postulante e operatório do materialismo marxista que nos leva a interrogar sobre seus pressupostos e

(*) Tradução do Prof. Dr. Newton Aquiles von Zuben.

perguntar se estes estão de acordo com os objetivos políticos tradicionais do marxismo. Em suma, por que querer o materialismo? E tal vontade é, por acaso, compatível com esta outra, a saber, visar uma realização concreta e multidimensional do homem, o que Marx denominava um "humanismo real"? Isto significa abrir um debate ao qual nós proporemos somente alguns aspectos, deixando a cena a outros autores para que o reatualizem, o que dá a entender, sem dúvida, que este debate não está encerrado.

1. OS PRESSUPOSTOS DA IDENTIFICAÇÃO DO REAL E DO MATERIAL

"Os princípios do materialismo dialético... são teses indemonstráveis, irredutíveis; não fundam um novo sistema filosófico, vale dizer, um conjunto completo, autônomo, fechado de argumentações... **Toda justeza destas teses funda-se no seu objetivo**, que é o de tornar possível, no campo das ciências constituídas e no das ideologias, uma tomada de posição, uma demarcação entre os pontos de vista das duas grandes classes sociais antagônicas."³ A identificação do real ao material que está na base de tal materialismo é, portanto, um **postulado**: tese indemonstrável, irredutível. Notar-se-á, ademais, que este postulado não visa um estado de coisas, mas traduz uma **tomada de posição** cujo caráter é essencialmente "negativo, crítico, polêmico"⁴. E mais, a noção de matéria não é considerada como um conceito científico, mas uma **categoria filosófica**, segundo a fórmula consagrada retomada de Lenin; o fato de ela ser uma categoria lhe abre um campo mais vasto que aquele da realidade exterior e faz dela um polo estruturante do conhecimento e da ação. Em última análise, ela designaria, portanto, mais uma estrutura a priori da subjetividade do que a expressão da natureza objetiva das coisas.

Se examinarmos mais em detalhe a tomada de posição em questão, constatamos que ela é, de início, em Marx uma **tomada de partido** (segundo outra fórmula consagrada) em favor do conhecimento científico contra a consciência ideológica. Basta ecovar as metáforas pela quais Marx desvaloriza e des-realiza, em nome da realidade cientificamente cognoscível, o que não passa de um reflexo, uma nuvem um aroma desta realidade: a religião matriz e modelo de toda ideologia, a filosofia (hegeliana e do jovem Hegel) o fetichismo da mercadoria e do dinheiro.⁵ A prática científica distingue o real da aparência, o consistente no inconsistente subtraindo sua autonomia das esferas que se apresentam como substanciais quando não possuem nenhuma consistência própria. Neste sentido Marx divide com Comte "o ódio do gaz difundido, dos vapores impuros"⁶ e ele sabe que será necessário muito tempo para que a

realidade que eles obnubilam ou mascaram se torne transparente: “A descoberta científica (...) não dissipia a fantasmagoria... (Assim) a forma gasosa do ar permaneceu a mesma depois e antes da descoberta de seus elementos químicos.”⁷

Sabe-se também que o materialismo corresponde a uma **tomada de posição política** — luta de classes na teoria, afirma Althusser — na medida em que o idealismo é a ideologia das classes dominantes e o materialismo a filosofia autêntica do proletariado. Afirmar que é menos o resultado de uma observação sociológica — houve no século XIX uma burguesia materialista e um proletariado religioso — do que um postulado, vale dizer, que ciência e ação histórica devem convergir para o mesmo real, uma apanágio dos intelectuais, conhecendo aquilo que a outra, tarefa das massas, realiza. É esta convergência que Marx tenta pensar com o termo **transparência**: quanto mais se progredirá para uma sociedade sem classe tanto mais se avançará para um conhecimento sem nuvens (e vice-versa)⁸.

Eis então o materialismo dialético postulado e pressuposto por duas causas elevadas: a da ciência e a do comunismo. Porém, como o domínio dos postulados e das pressuposições são tão extensíveis como indemonstráveis, por que não colocar este mesmo materialismo ao serviço, por exemplo, do feminismo, cuja atualidade não será por ninguém negada? É o que tenta com astúcia J. J. Goux.⁹ Apoiando-se sobre a observação de Freud, bem conhecida, segundo a qual ao inverso da maternidade que se estabelece pelo testemunho dos sentidos, a paternidade é a conclusão de um raciocínio e portanto é de natureza lógica, ele vê neste fato a afirmação da origem do Logos platônico e, mais amplamente, do idealismo. A forma não está, na verdade, do lado do pensamento ou da idéia? Ora, “o Pai informa e a mãe materializa”. A criança tem pois dupla filiação: **paternal** — ideal e material real.” O macho oferece o molde e a fêmea o material”¹⁰. Tal cisão conduz assim à dualidade simbólica entre um mundo das formas, essencial e imutável, e um mundo da matéria, inessencial e transitório.” A diferença dos sexos é simbólico do simbólico”, vale dizer, suporte de toda função simbolizante que distingue significante e significado, variante e invariante. A função paterna torna-se o significante da invariância no variável, do gênero na individualidade. À reprodução material-maternal se sobrepõe uma reprodução ideal-paternal — de ordem cultural. Esta superposição conduz a uma superavaliação do “genitor” que se torna Pai, e uma desvalorização da “genitrix” que se torna mãe, o Pai levando um sinal positivo e a mãe um sinal negativo. “Ora é este dispositivo de denegação da mãe genitora... e sua substituição pela figura **mater**, reflexo negativo do Pai que irá constituir a dialética arcaica de uma posição de conhecimento cuja fórmula desenvolvida a refinada será o idealismo”¹¹ Estado fálico da história do pensamento, para o qual a matéria é “uma matéria castrada” não podendo ser fecundada senão por

um Espírito exterior e superior. “De Platão a Hegel, de modos diversos, a glorificação paterialista a fálica do espírito e das idéias, acompanhada pela desvalorização da matéria e da natureza, obedecerá este dispositivo”.¹² A solução do materialismo dialético consistirá em suprimir o obstáculo simbólico entre **pater** e **mater**, espírito e natureza, e em considerar a natureza não mais comente como uma mãe receptora e passiva mas como uma mulher também portadora em si o princípio ativo; a isso deverá, evidentemente, corresponder um novo tipo de organização social onde a mulher será reconhecida como mulher e não somente como mãe. A história – do homem e da natureza, da natureza através do homem – não seria, deste modo, senão a passagem de uma materialidade a outra: “Uma **materialidade primeira**, perdida de antemão, que somente seria objeto do imaginário. E uma outra materialidade, oposto à primeira, separada daquela pela história masculina do simbólico, e que é o **real** procurado cuja materialidade primeira não indicaria o lugar e a possibilidade senão negativamente, como perda e cerceamento.”¹³ Pode-se perguntar se este real procurado, esta outra materialidade não são por sua vez imaginários. Notemos, no momento que ele exprimem uma recusa de castração e uma nostalgia de totalidade de interesse provável para o psicanalista.

2. DUAS RELEITURAS CRÍTICAS DO MATERIALISMO MARXISTA

Outras boas causas podem, sem dúvida, dar contas da vontade do materialismo expressa na teoria marxista. Pode-se julgar que este pressuposto da vontade ou de opinião preconcebida torna suspeita ou inválida a exposição teórica deste materialismo. Pode-se, ainda, indagar se a vontade que motivou o trabalho de Marx em profundidade é congruente com a opinião preconcebida materialista expressa já em Marx e que se tornou clássico no marxismo. As duas releituras, de Marx e do marxismo, que evocamos são significativas a este respeito. A primeira é a de Michel Henry¹⁴. Se Marx, pondera este autor, se disse materialista, é no sentido de ter permanecido sob o domínio de Feuerbach e dos jovens hegelianos. Porém, a partir das **Teses sobre Feuerbach**, ele propõe uma concepção da realidade que rompe com aquela dos materialismos anteriores e dos diversos marxismos posteriores. O que é **realidade** segundo Marx? A resposta, sempre lida de modo equivocado, e que, no entanto, toda reflexão de Marx encontra-se na primeira das **Teses sobre Feuerbach**: “A falha principal de todo materialismo até agora (inclusive o de Feuerbach) é ter captado o objeto, a realidade, a sensibilidade apenas sob a forma de objeto ou de intuição, e não como **atividade humana** sensível, enquanto praxis, do ponto de vista subjetivo.”

Deve-se dizer que para Marx “a realidade não é a realidade objetiva”,¹⁵ vale dizer, definida a partir da intuição sensível (como para Feuerbach) ou do pensamento (como para Hegel). A realidade é a ação, e

“a ação só é possível na medida em que não é intuição, nem intuição de si própria, nem intuição de um objeto qualquer”.¹⁶ Em outros termos, a ação é heterogênea a qualquer representação que dela tivéssemos posteriormente; ela é **sui generis**, subjetividade radical da qual não se pode se separar sem deformá-la: “Sem esta referência à subjetividade agente de um indivíduo, não há ação, mas somente um processo em terceira pessoa, movimento das folhas das árvores ao vento, queda de água na cascata. Um processo em terceira pessoa é um processo natural, sensível, objetivo e, como tal, nada tem a ver com uma ação, e isto porque a essência de uma ação não habita nele”.¹⁷

O erro do marxismo, de Engels a Althusser, é ter pensado esta ação em terceira pessoa, de naturalizá-la quando ela é subjetividade radical. Sobre este ponto Marx só tem um precursor: Maine de Biran. Desta maneira pode ser explicada a célebre fórmula: “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”. A vida ou o viver (das *Leben*) é outro nome da realidade, cuja consciência (ou representação) não passa de reflexo mais ou menos parcial ou deformador. O **viver** é o naturante irredutível que irá, em Marx, preceder e fundamentar tanto a ideologia quanto as classes sociais, e motivar sua análise: “Este saber da vida que é a própria subjetividade, sua inquietação, seu sofrimento ou seu apetite, que procede e fundamenta todo “saber” toda “consciência” e todo “pensamento” poderá ser encontrado em todos os momentos decisivos da análise de Marx.”¹⁸ Nestas condições, o materialismo é apenas uma forma dentre outras de objetivismo, isto é, um tipo de explicação que dá conta das estruturas sociais e as idéias, abstraindo o lugar verdadeiro de sua genealogia, a saber, a vida subjetiva. “O ‘materialismo’ de Marx na forma que ele toma para nós como teoria filosófica fundamental da genealogia das idéias, consiste, fundamentalmente na afirmação materialismo dos materialistas — o materialismo do século XVIII, de Feuerbach, de Engels e de Lenine — não passam de ideologia.”¹⁹

Há, com efeito, em Marx uma curiosa convergência de textos que justifica a leitura de M. Henry. Embora se deva notar que se trata de uma “desconstrução-reconstrução” de Marx à qual certas passagens de sua obra resistem, mesmo se se coloque em questão a identificação da ação — que possui uma face externa e uma eficácia sobre a realidade exterior — com o sentimento de esforço no sentido proposto por Maine e Biran, estamos diante de um novo tipo de leitura de Marx com a qual devemos doravante contar e que apresenta a originalidade de rejeitar o materialismo precisamente em nome da realidade que não pode ser senão o vivido subjetivo individual.²⁰ No entanto, diversas razões podem igualmente conduzir à uma rejeição do materialismo marxista, em nome da análise, ou ao menos do objetivo de Marx, embora numa perspectiva completamente diferente daquela sobre a qual acabamos de falar.

Esta releitura, esparsa em alguns trabalhos recentes, está bem sintetizada por J. P. Wilaime.²¹ O seu objeto de estudo não é tanto o materialismo dialético em sua dimensão metafísica mas antes o materialismo histórico que oferece melhor ponto de apoio às ciências humanas, e mais particularmente a famosa oposição infra-estrutura/supra-estrutura que está na base da crítica marxista da ideologia. Tal oposição pressupõe, com efeito, que o real — ao menos o real histórico — seja equivalente à dimensão econômica. “O real, isto é, as forças produtivas e as relações de produção, é considerado como positividade, como referente absoluto de todo edifício social”. Donde “a verdade seria inscrita nas coisas, como se ela pre-existisse à linguagem e ao conhecimento, como se bastasse ler o que já está escrito em um mundo objetivo (o mundo da produção)”²². A ideologia não passaria de um elemento sobreposto, derivado, um reflexo que, uma vez dissipada ensinaria a leitura da realidade social tal qual ela é. Tal dualismo²³ se choca com uma dificuldade oriunda da própria obra de Marx: o reflexo típico e fundamental que é o fetichismo da mercadoria, é intrinsecamente vinculado à sociedade capitalista, une-se, portanto, à realidade da qual ele é constitutivo. Sabe-se, ademais, a que acrobacias de pensamento se submeteu Althusser para sustentar que a ideologia tem uma ação determinante na reprodução de um sistema social quando a economia é, em última instância, determinante: “As supra-estruturas seriam um elemento secundário na tópica enquanto mantêm um papel dominante na dinâmica”,²⁴ isto é, na reprodução de fato deste sistema. Estas dificuldades ilustram na verdade, a seguinte tese: “O cultural, concebido como realidade supra-estrutural, é apenas a concepção capitalista da cultura”²⁵. Não é, com efeito, o capitalismo que tem como fundamento “a determinação de todos os setores da sociedade pela econômico, vale dizer, a penetração da lógica do econômico em todo o campo social”?²⁶ Ora o marxismo clássico desconhece que seu esquema de análise é historicamente determinado, que sua grade de leitura é dependente do capitalismo.²⁷ Ademais, é legítimo universalizar esta grade de leitura e aplicá-la indiferentemente a todas as sociedades e a todas as épocas da história? Pode-se, por exemplo, afirmar com Engels que “os conflitos religiosos do século XVI não passam... de cobertura, de vestimento e máscara de conflitos de classes? (...) como se os indivíduos do século XVI não tivessem ainda de posse da linguagem adequada para exprimir sua experiência social, como se a odisséia do espírito não tivesse chegado a seu término, e o espírito não tivesse chegado a atingir o real; não é síntese hegeliana do racional e do real que se encontra na base destas interpretações que lêem a história retirando as máscaras que a haviam encoberto?”²⁸ Pode-se também denominar **código** o quadro de referência que permite compreender uma sociedade; neste caso diremos que “utilizando como único modelo de referência o modelo sócio-econômico, o marxismo pressupõe que toda sociedade admite o econômico como código de referência principal, que a sociedade sempre estruturou-se com referência ao econômico.”²⁹

Deste modo o marxismo não se permite questionar o seu próprio código de leitura da sociedade — que aliás é o mesmo utilizado pelo capitalismo — o que, conseqüentemente, o impede de criticar **na base** o capitalismo com a finalidade de ultrapassá-lo e subvertê-lo. “A oposição infra/supra-estrutura não é, pois, um instrumento de análise, é uma concepção reflexo; não é um meio de conhecimento é um dado real que deve ser explicado e restaurado historicamente”³.

É sem dúvida curioso constatar que, se o marxismo serviu-se de instrumento e de pretexto à uma leitura materialista de textos tão pouco “materialistas” (que se cogite nos Evangelhos), é permitido do mesmo modo apoiar-se sobre os objetivos declarados de Marx para elaborar uma “leitura não materialista de Marx”, o materialismo sendo apenas um acidente e não a substância de sua doutrina. Este breve e parcial “status questionis” “permite de qualquer modo, observar que o materialismo não subsiste no marxismo, como, aliás, em outra parte, senão em um contexto polêmico e graças a ele. Por acaso, o idealismo, inimigo jurado, jaz definitivamente nos pés do materialismo dialético consagrado como filosofia do futuro? Ou não é ele, ao contrário, o reflexo indispensável à sua figura inversa — que não se esqueça o tema marxiano da sem que se saiba quem é o, vale dizer, qual dos dois é a imagem invertida do outro? “O destino filosófico desta teoria (o materialismo) é operar uma simples reviravolta do idealismo, sem ultrapassar a especulação sem fim, e por simples jogo de alternância. É assim que os conceitos de “coisa” e de “matéria” forjados de modo negativo pelo idealismo como seu inferno, como seu fantasma negativo, passaram de modo tranqüilo ao estado de realidade positiva, até mesmo de princípio revolucionário de explicação, sem perder esta abstração que lhes são inerentes pela sua origem. O idealismo transformou em fantasma **no recalque** uma certa “matéria”, e é esta que, sobrecarregada de todos os estigmas do recalque idealista, ressurgue no materialismo”³¹ Se o contexto polêmico se modificar, se a realidade mostrar-se mais complexa e inapreensível do que aquilo que se define neste dualismo de contrários, o materialismo, embora renovado e dialetizado, não será a flor imortal do marxismo.

NOTAS

(1) Friedrich ENGELS, *Ludwig Feuerbach et la fin de la philosophie allemande*, “Les éléments du communisme” Paris Éd. Sociales. 1966 p. 22.

(2) Cf. *ibid.* p. 32: “O mundo material perceptível pelos sentidos, ao qual nós mesmos pertencemos, é a única realidade... A matéria não é um produto do espírito, mas o espírito um produto mais elevado da matéria”. Notar-se-á que o espírito ou o pensamento, empregados como antítese da matéria ou da natureza, isto é, da realidade não recebem melhor que estas últimas.

(3) E. BALIBAR e P. MACHEREY, art. “Materialismo dialectique” na *Encyclopaedia Universalis*, vol. 10 p. 609-612: grifo do autor.

(4) **Ibidem**

(5) Como a transformação ideológica em cada um destes três domínios se exprime metaforicamente em Marx, e como cada um serve precisamente de metáfora para o outro sem que Marx chegue a sair do círculo metafórico é mostrado de forma admirável por Sarah KOFMAN em **Câmera obscura**, Paris Ed. Galilée, 1973.

(6) Cfr. Michel SERRES, **Hermès**, IV. **La distribution**, "Critique", Paris Ed. de Minuit, 1977, p. 178: "O estado teológico é nebuloso como um gás, o estado positivo é consistente como um sólido. Comte procurou a pedra, o duro e expulsou a decomposição... Idade positiva, idade de pedra desconfiando das sublimações na corrente de onde elas evaporam".

(7) K. MARX. **Le Capital**. Primeira seção I, IV, em **Obras I**. "Bibliothèque de la Pléiade". Paris N. R. F. 1963, p. 608.

(8) Cfr. **Ibidem** p. 614: "Em geral o reflexo religioso do mundo real só poderá desaparecer quando as condições de trabalho e da vida prática apresentarem ao homem relações transparentes e racionais com seus semelhantes e com a natureza".

(9) Cfr. J. P. GOUX: "Matière différence des sexes". em **Matière et pulsion de mort**. Coll. 10/18, 1975 n.º 1 p. 123. Se a formã aqui definida como freudo-marxismo anexa o materialismo dialético, ou antes, anexa-se a ele, ela não toma por isso uma amplitude comparável à **Dialética da Natureza**. Esta metamorfose mostra ao menos como se pode transplantar uma doutrina em terreno estranho para lhe conservar uma aparência de vigor.

(10) **Ibidem**. p. 131. Na verdade, Freud admite (em Moise et le monothéisme, "Les essais, 28 "Paris Gallimard. 1961 p. 165 ss) que o desenvolvimento da civilização comporta "uma colocação em segundo plano da percepção sensorial com relação à idéia abstrata", fenômeno que ele encontra nas crianças e nos neuróticos sob a forma de uma "crença no poder supremo do pensamento". Porém a predominância social do pai é apenas um elemento dentre outros e não o mais antigo deste fenômeno complexo. "Um processo mais tardio se nos apresenta sob a forma bem mais tangível, vale dizer, sob a influência de condições exteriores... uma organização patriarcal na sociedade sucedeu à organização matriarcal, o que provocou, naturalmente, grande alteração das leis ora em vigor. Parece-nos perceber como que um eco desta revolução em **Orestes** de Ésquilo. Tal transformação, porém, tal passagem da mãe ao pai tem outro sentido ainda; ele marca uma vitória da espiritualidade sobre a sensualidade e, por isso, um progresso da civilização. Com efeito, a maternidade é revelada pelos sentidos enquanto que a paternidade é uma conjectura baseada sobre deduções e hipóteses. O fato de dar precedência ao processo cogitativo sobre a percepção sensorial teve sérias consequências."

(11) J. J. GOUX art. cit. p. 140.

(12) **Ibidem** p. 146. Tal falocritismo filosófico teria um arquétipo religioso naquilo que o autor denomina "o mito cristão da Imaculada Conceição", sem dúvida confundida com a "concepção virginal". Distinção evidentemente vaga aos olhos freudo-marxistas, uma vez que ela deve operar-se naquilo que Marx chama "a região nebulosa do mundo religioso".

(13) **Ibidem** p. 166.

(14) Cfr. Michel HENRY, **Marx: I. Une philosophie de la réalité**, "Bibliothèque des Idées". Paris Ed. Gallimard, 1976. O tomo II: **Une philosophie de l'économie** investiga na obra de Marx uma confirmação desta nova concepção da realidade.

(15) Michel HENRY op. cit. I p. 316.

(16) **Ibidem**. p. 323.

(17) **Ibidem**. p. 348.

(18) **Ibidem**. p. 413.

(19) **Ibidem**. p. 425.

(20) Para uma discussão sobre as teses de Michel Henry, conferir em *Révue de Métaphysique et de Morale* tomo LXXXII, 1977. "Autour du **Marx** de Michel

Henry", I J. L. Petit, "Marx et l'ontologie de la Praxis" p. 365-385; II J. Texier, "Marx est-il marxiste?" p. 386-409; e na *Révue Thomiste* LXXVII, 1977, p. 610-624, P. D. Dognin, "Le **Marx** de Michel Henry".

(21) Jean-Paul **WILLAIME**, "L'opposition des infrastructures et des superstructures: une critique", em **Cahiers internationaux de sociologie** LXI. 1976 p. 309-327. Este artigo refere-se às obras de Pièrre ANSART, **Les idéologies politiques**, Paris PUF 1974; de Michel de CERTEAU, **L'écriture de l'histoire**, Paris, Gallimard, 1975; Marc GUILLAUME, **Le Capital et son double**. Paris PUF 1975. Em uma perspectiva análoga permitimo-nos assinalar os trabalhos de Cornelius CASTORIADIS, **L'institution imaginaire de la société**, Paris, Gallimard, 1976 (existe tradução em português pela Editora-nota do tradutor) e o notável artigo de Claude LEFORT: "L'ère de l'idéologie" na **Encyclopaedia Universalis** vol. 17: Organum p. 75-96.

(22) J. P. **WILLAIME**, art. cit. p. 311.

(23) Pode-se perguntar se, em vez de dualismo, termo empregado pelo autor, não seria conveniente falar de um **monismo**, uma vez que, segundo Marx, a dimensão ideológica não tem qualquer autonomia; que a sombra ou o reflexo não fazem número com o objeto refletido, que a ilusão não acrescenta nada à realidade e não a desdobre é o que precisamente Marx quer afirmar.

(24) **Ibidem**, p. 319.

(25) **Ibidem**, p. 320.

(26) **Ibidem**, p. 322.

(27) Poder-se-ia a dizer que esta dependência é também reconhecida por Marx na medida em que ele credita à burguesia uma transformação radical da sociedade feudal anterior, sendo a economia o motor desta transformação. Cfr. **Le manifeste communiste** em **Oeuvres I**, p. 164: "Todas as relações sociais imobilizadas na ferrugem, com seus cortejos de idéias e opiniões admitidas e veneradas dissolvem-se; as que as substituem envelhecem antes mesmo de esclerosar. Tudo aquilo que era sólido, bem estabelecido, viabiliza-se, tudo o que era sagrado se encontra profanado, e, afinal, os homens são obrigados a considerar com uma visão distorcida o lugar que ocupam na vida e suas relações mútuas". Em suma, a burguesia capitalista despoja o homem de todos os revestimentos que escondiam o substrato econômico; ela revela um homem **economicamente nú**.

(28) J. P. **WILLAIME**, art. cit. p. 323.

(29) **Ibidem** p. 325.

(30) **Ibidem**, p. 327.

(31) Jean BAUDRILLARD, **L'échange symbolique et la mort**, p. 336 (grifo do autor).